

O Espiritualismo Ocidental
Volume 2

© 2025 — Carlos Antonio Fragoso Guimarães

O Espiritualismo Ocidental - Vol. 2

Do ocaso da Antiguidade Clássica à Idade Média

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira

Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão: Mariléa de Castro

Ilustração da Capa: Banco de imagens

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-189-6 — 1ª Edição - 2025

• Impresso no Brasil • *Presita em Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Guimarães, Carlos Antonio Fragoso

O Espiritualismo Ocidental - Vol. 2 : do ocaso da Antiguidade Clássica à Idade Média / Carlos Antonio Fragoso Guimarães - Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2025.

476 p.

ISBN: 978-65-5727-189-6

1. Filosofia 2. Filósofos 3. Espiritualidade 4. Religião
5. História I. Título

25-2749

CDD - 102

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia: Miscelânea 102

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

O Espiritualismo Occidental

Volume 2

Do ocaso da Antiguidade
Clássica à Idade Média

1ª edição
2025



A vida já é curta, mas nós tornamo-la ainda mais curta, desperdiçando tempo. Amigo, oculta a tua vida e espalha o teu espírito. Essa é a divisória que nos separa do mistério das coisas a que chamamos vida. “Somente após a tristeza saberás o que é a alegria e apenas após a morte saberás o que é viver.”

Victor Hugo
(1802-1885)

À minha mãe, Luiza Vilma Fragoso Guimarães

Sumário

Introdução	15
Parte 1	
Ápice e declínio da antiguidade clássica.....	19
I – De Alexandre a Roma: a consolidação do legado grego e as transformações do pensamento religioso	21
1 – A importância de se conhecer o ontem para se compreender o hoje.....	21
2 – Roma Imperial e a sua inspiração em Atenas e em Alexandre.....	23
3 – As principais escolas de pensamento do Período Helenístico Pós-Alexandre.....	25
4 – A educação e cultura clássica no império dos Césares.....	27
5 – Espiritualismo, filosofia e religiosidade no período imperial	29
6 – O Medioplatonismo e o Neopitagorismo como reação ao autoritarismo político e esgotamento das religiões oficiais do Império e ao Cristianismo em expansão	30
Bibliografia	37
II – O espiritualismo no período imperial tardio.....	38
1 – O contexto	38
2 – O Neoplatonismo	42
3 – O Corpus Hermeticum	43
4 – Os oráculos caldeus e a teurgia como treinamento de capacidades psíquicas	52
5 – Jâmblico de Cálcis e a teurgia no neoplatonismo tardio	59
6 – Importância e reconhecimento da espiritualidade tardia da antiguidade clássica e seus pontos em comum com o conhecimento de hoje.....	64
7 – Alguns relatos de ocorrências paranormais na Antiguidade	69
Bibliografia	72
III – Proclo Lício.....	73

1 – Introdução e contexto	73
2 – Biografia	76
3 – Legado filosófico e espiritual de Proclo e sua atualidade.....	78
4 – A cada um, caminhos diversos que se encontram	90
Bibliografia	94
IV – Agostinho de Hipona.....	95
1 – Contexto Histórico e Cultural	95
2 – Biografia	100
3 – O Legado	109
Bibliografia	113
V – Pseudo-Dionísio Areopagita.....	114
1 – Introdução	114
2 – Histórico das obras aeropagíticas	115
3 – A Obra	119
4 – A Mensagem: cada pensamento, percepção ou representação sobre Deus são etapas a serem superadas no caminho em direção à vivência Realidade além dos conceitos	124
5 – As etapas de Dionísio para a vivência do Incognoscível	127
6 – Imagens, símbolos e metáforas em Dionísio	130
7 – Uma espiritualidade fenomenológica	131
8 – Uma mensagem antiga e atual para o mundo moderno	133
9 – Excertos da <i>Teologia Mística</i> de Dionísio, o Areopagita.....	138
Bibliografia	140
Parte 2	
Trevas, terras e lampejos de luzes – o paradoxo espiritual e crise na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média.....	141
VI – O Cristianismo no Auge do Império e o caminhar para a Idade Média entre os séculos IV e VI.....	143
1 – A transição da cultura ocidental: A decadência do Império Romano do Ocidente, o fim da cultura helenística pagã e a institucionalização do Cristianismo... 143	
1.1 – O que se pode saber sobre a mensagem original do Jesus histórico a partir de estudos científicos... 147	
1.1.1 – Jesus e as mulheres	149

1.1.2 – Jesus e os gentios	150
1.2 – Avanço e variações do cristianismo	152
1.3 – As diferenças de perspectiva sobre Jesus entre Paulo de Tarso, Simão Pedro e Tiago no Século I ...	153
1.4 – Paulo de Tarso e a Salvação pela Fé	153
1.5 Simão Pedro: A Ponte humana entre o Judaísmo e o Cristianismo	155
1.6 Tiago: A Teologia da Prática e da Lei.....	156
2 – Retrospecto do Cristianismo: de movimento perseguido a perseguidor do paganismo e de interpretações cristãs não hegemônicas no período tardio da Roma Imperial	157
2.1 – A Igreja Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental.....	168
3 – Colapso do sistema escravista e início das relações feudais no Império Romano do Ocidente	169
4 – Ventos de mudanças e transfigurações culturais pé-medievais.....	170
5 – Surge a Idade Média	172
Bibliografia:	175
VII – Boécio e a Consolação da Filosofia.....	177
Bibliografia	189
VII – A Alta e Baixa Idade Média: duas eras com características distintas, unidas pela fé e a violência. Contribuições da cultura islâmica para o Ocidente.	190
1 – A Alta Idade Média – Visão Geral.....	191
1.1 – A Filosofia na Alta Idade Média	194
1.2 – João Escoto Erígena	195
1.3 – O Islã e a preservação do pensamento clássico... 187	
2 – A Baixa Idade Média: período de um novo despertar intelectual e espiritual no Ocidente	202
Bibliografia:	207
IX -Transformações radicais e reflorescimento do pensamento crítico nos primeiros séculos da Baixa Idade Média e o nascimento de movimentos espirituais populares... 208	
Parte I	208
1 – Introdução	208
2 – Uma visão geral sobre os cátaros e seu destino	215
3 – Os Valdenses	218
4 – Os revolucionários bizantinos Bogomilos.....	220

5 – O Paulicianismo	222
6 – Consequências e repercussões históricas	223
Bibliografia:	225
X – A revolução de mentalidades do século XII. A criação das Universidades. Os rebeldes de Paris: Pedro Abelardo, Amaury de Bene e Davi de Tinant. A interpretação da História de Joaquim de Fiori	226
1 – O contexto histórico e social.....	226
2.1 – Tempo, geografia e cultura de Portugal ao Sacro Império Romano Germânico	228
2. 2 – Surgimento das Universidades e do pensamento teológico crítico nas Abadias: a Revolução de Mentalidades do século XII	230
3 – Pedro Abelardo	237
3. 1 – O trabalho de Abelardo como filósofo e teólogo.....	245
4 – Amaury de Bene.....	250
5 – Davi de Dinant	253
6 – Joaquim di Fiori.....	255
Bibliografia	265
XI – Hildegard von Bingen (1098-1179)	266
1 – Contexto e Biografia.....	266
2 – Obras principais	277
Bibliografia	279
XII – Os Cátaros: da esperança de uma espiritualidade popular à tragédia elitista-militarista da Cruzada Albigense	281
1 – Ares de mudança, reações tempestuosas, sementes de transcendência: o que estava em jogo nos séculos XII e XIII	282
2 – O catarismo, sua popularidade e a reação da Igreja	289
2.1 – O que havia de singular no movimento dos cátaros?	292
2. 2 – Templários e Hospitalários	301
3 – O Contexto geopolítico do Languedoc na primavera cultural do século XII	304
4 – Novos ares, uma revolução de mentalidades:	
Os Trovadores e os Jograis no sul e, ao norte, a eclosão do Estilo Gótico das catedrais	308
XIII – A Cruzada Albigense: o exemplo modelar do mal que	

une conservadores, religiosos e militares contra ideias progressistas e que se repete na História.....	311
1 – Nuvens de Tempestade	311
2 – 1209: A tempestade inicia.....	329
3 – Terror e a violência em nome de Deus: a queda de Béziers e Carcassonne	330
4 – A queda de Minerve e a explosão da truculência militar	349
5 – Da Cruzada religiosa à ocupação secular político-militar: a batalha de Muret.....	356
6 – A queda dos poderosos: a morte de Inocêncio III, a luta pela reconquista occitana e o destino de Simon de Montfort	369
7 – A intervenção de conquista e anexação do Languedoc pela França.....	381
8 – Montsegur e Quéribus, os últimos bastiões dos Cátaros.....	383
Bibliografia	384
XIV – Francisco de Assis.....	385
1 – Introdução	385
2 – Contexto e Biografia.....	386
3 – Pontos Característicos do Pensamento de Francisco de Assis	389
Bibliografia	391
XV – Os begardos e as beguinas.....	392
1 – Introdução	392
2 – O movimento popular Beguino.....	394
3 – O movimento begardo e Pedro João Olive	396
4 – O revolucionário movimento das Beguinas.....	400
5 – O Martírio de Marguerite Porete e a sua obra <i>O Espelho das Almas Simples</i>	406
Bibliografia	410
XVI – Tomás de Aquino	411
1 – Introdução	411
2 – Contexto.....	412
3 – Biografia	412
4 – Obras	415
5 – Pensamento Filosófico e Teológico de Tomás de Aquino.....	416
6 – Influência de Aquino no Pensamento Medieval e Além	418

6. 1 – Influência na Filosofia Moderna	418
Bibliografia	419
XVII – Mestre Eckhart	420
1 – Introdução	420
2 – Biografia	423
3 – A dialética da Espiritualidade, a transcendência e a divindade em Eckhart	432
Bibliografia	435
XVIII – Joana d’Arc.....	436
1 – Introdução	436
2 – O contexto histórico da França no século XV: e a Guerra dos Cem Anos	438
3 – A menina de Domrémy	441
4 – Joana e o Delfim Carlos de Valois	445
5 – Orleans e as seguidas vitórias de Joana d’Arc ..	454
6 – O martírio	463
Bibliografia	473
Pirataria espiritual	474

Introdução

Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor.

Johann Wolfgang von Goethe

Em nossos dias de informações ultraprocessadas em uma mídia tantas vezes venial ainda vemos, de modo mais ou menos difuso e mais ou menos confuso, ainda a busca por sentido... A mesma busca que bem antes de nossa geração já estimulava mentes e desejos que atravessaram séculos e milênios, onde homens e mulheres ansiavam por dar sentido ao mundo e à vida que vivem, com suas alegrias, dores, dramas e tragédias...

Essa contínua busca une, por representar a mesma realidade humana que aspira o espiritual, todas as pessoas que hoje vivem com as que já viveram e com as que ainda viverão e isso explica, em meio ao drama humano, o contínuo vicejar e transformar de tradições, manifestações artísticas, especulações filosóficas e expressões espirituais que tanto ajudam a construir culturas, civilizações, bem como ainda se fazem presentes mesmo quando o foco econômico quebra laços tradicionais, atomizando seres e mentes em um pragmatismo impessoal e cada vez mais excludente, levando a uma época de fragmentação social e moral, como ocorre em nossos dias.

Como um eterno viajante, o espírito humano é um buscador constante. Busca tanto fora quanto em si o sentido e a capacidade de crescer e situar-se nesse intrigante e belo universo que o sustenta e parece, de certa forma,

desejar que cresça e se compreenda. Caminhante eterno, criança a dar seus passos em meio ao mundo, desde os primeiros raios da consciência, ele se lança em uma peregrinação incansável, atravessando desertos de dúvida, escalando montanhas de sabedoria e, quando mais seguro ou mais ousado, mergulhando em oceanos de mistério. Nessa jornada, duas asas o sustentam: a filosofia, filha da razão inquieta, e a busca espiritual, fruto do anseio pelo que sacraliza a existência e o mundo em que vive. Juntas, elas elevam o ser além dos limites do efêmero, conduzindo-o em direção àquilo que transcende o tempo, o espaço e transcende a própria compreensão humana tantas vezes limitada pelo concreto e pelas necessidades sociais.

O sentir e o pensar, a arte e a razão, a emoção e a reflexão, as duas pernas complementam-se no mesmo processo do caminhar onde a filosofia e as diferentes flores de espiritualidade não são meros exercício de lógica abstrata e/ou de embelezamento da realidade mais dura, mas constituem um chamado ao despertar. Já disse Marx que mesmo a religião é coração de um mundo sem coração.

Desde os gregos, que buscavam a *sófia* como luz para a existência, até os pensadores contemporâneos que desafiam as ilusões do materialismo estrito e niilista, ela nos lembra que perguntar é por vezes mais vital do que responder. Cada questionamento é uma semente plantada no solo da alma, germinando em novas formas de enxergar o mundo e a nós mesmos. Através dela, aprendemos a duvidar das certezas aparentes e comodamente impostas de cima para baixo para garantir sistemas e estratos sociais, a discernir entre o verdadeiro e o ilusório, e a reconhecer que, como exemplificou Sócrates há mais de dois mil e quinhentos anos, a ignorância confessada é o primeiro degrau para a sabedoria.

Mas se a filosofia ilumina o caminho, é a busca espiritual que dá sentido ao andar. Enquanto a razão mapeia o território, o espírito anseia pelo inefável — aquela presença que não se descreve, mas se experimenta; que não se demonstra, mas se vive de tal forma que se torna impossível bem expressar em palavras. Seja nas meditações silenciosas dos chamados “místicos”, nos ritos ancestrais do xamã às formaturas acadêmicas, que conectam o humano ao divino ou, ao menos, no que se respeita como sendo um patrimônio espiritual, ou, em uma outra forma de se

sentir e vivenciar o inefável, na simples entrega a um amor maior que a própria vida, o homem sempre buscou algo além de si. Essa ânsia não é fuga, mas reconhecimento de uma realidade mais profunda: a de que somos expressão e parte do eterno, do atrativo desconhecido, em busca de reintegração.

Ao longo da história, essas duas vias — a reflexão filosófica e o êxtase espiritual — muitas vezes se entrelaçaram. Platão falava do Bem Supremo como um sol que tudo ilumina; Plotino descrevia o Uno, fonte de toda existência; os sábios orientais ensinavam que *Atman é Brahman* (a alma individual é expressão da alma universal). Até mesmo a ciência moderna, em suas fronteiras mais audazes, encontra-se com o mistério, revelando que o universo é mais próximo de um grande pensamento do que de uma máquina cega, similar aos antigos engenhos humanos.

Neste tempo de acelerada transformação, em que o homem se vê assombrado pelo vazio de um mundo fragmentado, a filosofia e a espiritualidade surgem como antídotos contra a alienação, ainda que a forma corrompida da espiritualidade, concretizada na religião institucionalizada transformada em empresa e instrumento de poder, seja, ela mesma, um instrumento dessa alienação. Superando suas formas corrompidas, a decadência e oposto das suas formas positivas, a filosofia e a espiritualidade sadia nos convidam a parar, a respirar fundo e a lembrar que, por trás do caos aparente, há uma harmonia secreta. Desenvolver o espírito não é acumular conhecimento e um escaninho meramente intelectual, mas expandir a consciência reconhecendo o bem e a razão mesmo “nas razões do coração que a razão desconhece”, como diria Blaise Pascal. Esse desenvolvimento saudável não é um instrumento egoísta, não é dominar o exterior, mas conhecer o interior e a partilha dos achados lá encontrados.

As páginas que se seguem dão continuidade aos capítulos do volume I de *O Espiritualismo Ocidental*. Esperamos que este segundo volume sirva não como exposições de uma verdade estabelecida sobre autores e ideias que, aqui, vão do fim da Antiguidade ao ocaso da Idade Média, mas sejam um convite e um estímulo àquela busca primordial e sutil — a que não tem fim, porque seu destino é infinito. Que elas inspirem não apenas a pensar, mas a *sentir que nossa realidade de hoje se ergue sobre uma*

profundidade maior que a do quadro dado por um mundo desencantado e baseado no materialismo banal. Não apenas a estudar conceitos e autores, mas que o legado destes estimule a *viver* a profundidade do ser no aqui, com os encantos encobertos da natureza e da sociedade, e do *além-physis* que nos cerca. Pois, no fim das contas, filosofia e espiritualidade são apenas nomes diferentes para a mesma jornada: a volta da alma para casa.

Carlos Antonio Fragoso Guimarães
João Pessoa, 7 de abril de 2025

Parte 1

Ápice e declínio da antiguidade clássica

Da sabedoria clássica grega às últimas luzes da espiritualidade helenista pagã e os primeiros quatro séculos do Cristianismo



Não há império que dure para sempre...

Foto das ruínas do Fórum Romano. Fonte: Reprodução

“A sabedoria é a única coisa que nos pertence verdadeiramente e que ninguém pode nos tirar.”

Sêneca (4 a.C. a 65 d.C.)

